

~~DE RECENTE~~

~~de recente~~

~~Vindicta de Neruda~~

"Now strike the golden lyre again:
A louder yet, and yet a louder strain.
Break his bands of sleep asunder,
And rouse him, like a rattling peal of thunder.
Hark, hark! the horrid sound
Has raised up his head;
As awaked from the dead,
And amazed, he stares around."

(Ode JOHN DRYDEN
in Honour of St. Cecilia's Day")

~~DE RECENTE~~

~~De recente, do riso fez-se o vento
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.
De recente, do calor fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o precipitamento
E do momento imóvel fez-se o drama.
De recente, não mais que de recente
Fez-se do triste o que se fez amante
E do sorriso o que se fez constante.
Fez-se do amigo próximo, o distante
Fez-se do vício uma aventura errante
De recente, não mais que de recente.~~

"... sin pan, sin música, cayendo
en la soledad desquiciada
una guitarra para su alma,
una guitarra que se cubre
de cintas y desgarraduras
y canta encima de los pueblos
como el ave de la pobreza."

PABLO NERUDA
(La Crema)

~~Vindicta de Neruda~~

Paris, 19 de outubro de 1955
~~Paris, 19 de outubro, 1955~~

VINICIUS DE MORAES

ORFEU DA CONCEIÇÃO

(TRAGÉDIA CARIOCA)

PEÇA EM 3 ATOS

NITERÓI	-	1942
LOS ANGELES	-	1948
RIO	-	1953.

ORFEU DA CONCEIÇÃO

(Peça premiada no concurso do IV Centenário de São Paulo)

Annoture

①

LP. LADO I
1:FX

PERSONAGENS

ORFEU DA CONCEIÇÃO, o músico
EURÍDICE, sua amada
CLIO, a mãe de Orfeu
APOLO DA CONCEIÇÃO, o pai de Orfeu
ARISTEU GONÇALVES, criador de abelhas
MIRA DE TAL, mulher do morro

A DANA NEGRA
PLUTÃO, presidente dos
"Majiorais do Inferno"
PROSERPINA, sua rainha
O CÉRBERO
GENTE DO MORRO
OS "MAJORAIS DO INFERNO"

TEMPO: O PRESENTE

NOTA: Todas as personagens da tragédia, a não ser por disposição do autor, devem ser representadas por atores da raça negra. Tratando-se de uma peça onde a gíria popular representa um papel muito importante, e como a linguagem popular é extremamente mutável, em caso de representação, deve ela ser adaptada às suas novas condições. Também as letras de samba-constantas da peça não são necessariamente as que devem ser usadas em cena, procurando-se sempre atualizar a ação o mais possível.

Silêncio

C O R O

SÃO DE MAIS OS PERIGOS DESSA VIDA
PARA QUEM TEM PAIXÃO, PRINCIPALMENTE
QUANDO UMA LUA CHEGA DE REPENTE
E SE DEIXA NO CÉU, COMO ESQUECIDA.

E SE AO LUAR QUE ATUA DESVAIRADO
VEM SE UNIR UMA MÚSICA QUALQUER
AÍ ENTÃO É PRECISO TER CUIDADO
PORQUE DEVE ANDAR PERTO UMA MULHER

DEVE ANDAR PERTO UMA MULHER QUE É FEITA
DE MÚSICA, LUAR E SENTIMENTO
E QUE A VIDA NÃO QUER, DE TÃO PERFEITA.

UMA MULHER QUE É COMO A PRÓPRIA LUA :
TÃO LINDA QUE SÓ ESPALHA SORRIMENTO
TÃO CHEIA DE PUDOR QUE VIVE NUA.

ATENÇÃO

Notas

PRIMEIRO ATO

O morro, a cavaleiro da cidade, cujas luzes trilham ao longe. Platô de terra com casario ao fundo, junto ao barranco, defendido, à esquerda, por pequena amurada de pedra, em semi-círculo, da qual desce um lance de degraus. Noite de lua, estática, perfeita. No barraco de Orfeu, ao centro, bruxoleiam lamparinas. Ao levantar do pano, a cena é deserta. Depois de prolongado silêncio, começa-se a ouvir, distante, sons de cordas plangendo, que pouco a pouco se aproximam, num tocar divino, simples e direto como uma fala de amor. Logo em seguida Clio surge à porta do barraco.

CLIO (para dentro, a voz estremunhada)

É o violão de Orfeu... Escuta Apolo.

APOLO (também de dentro, bocajando)

Deixa-te estar, mulher...

CLIO

Acorda, homem! é o sangue do teu sangue que está tocando!

APOLO, aparece à janela

Então não sei? É boa! Ninguém como mulher para ter língua, para dizer as coisas... qual! Quem foi que pegou no menino e ensinou a êle? Quem teve a idéia? Quem pagou o dinheiro pelo melhor violão? um instrumento? T'esconjuro! que, às vèzes, eu te juro Clio, tocava com o roçar do vento...

CLIO

É mesmo, foi você que ensinou êle... Êle aprendeu, o meu Orfeu. Agora ninguém toca com êle, nem o mestre com quem ninguém tocava dantes. Ouve Apolo, que beleza! que agonia! Me dá uma vontade de chorar...

APOLO

Toca muito o meu filho, até parece não um homem, mas voz da natureza... Se uma estréla falasse, assim dizia. Escuta só (dá risada). Até ofende a Deus tocar dessa maneira. Olha que aco-

des... quanta simplicidade! Sabes d'uma? Me lembro d'ele quando, pequenino ficava engatinhando no terreiro nuzinho como Deus o fêz; ficava de boca aberta, resmungando coisa, olhando as estrelinhas que acordavam de tarde, pelo céu... Esse menino, eu pensava, conversa com as estrelas. Vai ver conversa mesmo.

CLIO

Se conversa! Mas fica quieto, peste. É até pecado ficar falando com Orfeu tocando.

(Clio e Apolo entram. A música, em acordes, desenrola-se solta, cada vez mais próxima. Às vezes chegam de longe sons, um cantar agudo de mulher, uma voz de homem que chama, pedaços soltos de um ensaio de batucada. Mas o violão, cristalino, predomina sempre. Num dado momento, a noite faz-se súbitamente muto escura, como se uma nuvem espessa tivesse coberto a lua. Ao clarear a cena, Orfeu acha-se no topo da escada, o violão a tiracolo).

ORFEU

②^x Toda a música é minha, eu sou Orfeu!
Introdução a Eurídice DISCO A. 1^a Fx.
 (Dá uma série de acordes e glissandos à medida que se aproxima da amurada. Próximo, uivam cães longamente. Vozes de animais e trepidações de folhas, como ao vento, vencem por um momento a melodia em pianíssimo que brota do violão mágico. Orfeu escuta extático. Depois recomeça a tocar, enquanto, por sua vez, cessam os sons da natureza. Ficam nesse desafio por algum tempo, alternando vozes, até que tudo estanca, vozes, ruídos e música).

ORFEU

Eu sou Orfeu... Mas quem sou eu? *Eurídice...*

③ DISCO A. 2^a Fx.
Botão Amigo Tema Eurídice
 ATÉ FINAL
 (Voltam, por um momento, os sons, os uivos de cães que se lamantam, o chilrear patético de pássaros nos ninhos. Depois a melodia do violão se retoma, como um carinho).

ORFEU

Eurídice... Eurídice... Eurídice... Nome que pede que se diga coisas de amor; nome do meu amor, que o vento aprendeu para despetalar a flor; nome da estrela sem nome... Eurídice...+

(Tenta executar, em glissandos, o nome por que chama. Depois ri beatificamente, balando a cabeça).

CLIO (de dentro)

Orfeu? Filho, é você? Que estás dizendo? Estás falando sozinho, filho meu?

ORFEU

Mãe, inda não dormiu?

CLIO

Mas que pergunta! Dormindo eu não estaria perguntando. Onde estás com a cabeça, Orfeu?

MICROFONE

ORFEU (baixinho)

No céu.

(Ouve-se barulho dentro do barracão, e pouco depois surge Clio à porta. Fica parada espiando o filho, sem ser vista. Mais tarde aparece Apolo e os dois deixam-se estar, atentos aos menores gestos do tocador).

ORFEU (num sussuro)

Eurídice... Onde está você, Eurídice?

(Não para um segundo de tocar, como atendendo a uma música íntima. Mas de repente se volta, como sentindo-se observado.)

ORFEU (a voz meio agastada)

Mãe? Pai? Que é isso? Já pra dentro! Sair da cama quente com esse tempo frio... Não têm juízo?

CLIO

Quem não tem juízo? O que pergunta ou o que responde? O que quer.

dar um pouco do que é seu, ou o que tinha juízo e que perdeu e que nem sabe onde?

ORFEU (como para si mesmo)

Sabe onde! Sabe onde! Minha mãe, neste momento, o juízo de Orfeu tem outro nome, um nome de mulher... Nesse momento o juízo de Orfeu canta baixinho um poema de Orfeu que não é seu. É um nome de mulher... Neste momento o juízo de Orfeu, todo de branco Sobe o morro para encontrar Orfeu!

CLIO

Meu filho, que é isso? Onde está o meu Orfeu? Estou te estranhando tanto...

APOLO

Não te mete, mulher, deixa o menino...

ORFEU

Não, meu pai, foi bom até puxar o assunto. Eu...

CLIO

Tu estás tocando muito hoje, meu filho, tu sempre tocas muito, eu sei; mas hoje teu violão entrou pelo meu sono como uma fala triste. Que é que há com você, filho meu, que tua mãe sabe e não quer saber, e que agonia a negra velha?

ORFEU (carinhoso)

Minha velha... (corre a beijá-la) Mãezinha, como pode...

CLIO

Uai, podendo! Pois a gente não é de carne e osso? Não bota filho nesse negro mundo? Não sofre, não capina, não se cansa? Não espreme o peito até dar leite e sangue? Não lava roupa até comer o sabugo (olha Apolo de lado) Não sustenta um malandro, umacoisa ruim que só sabe contar muita garganta e beber sem parar no botequim? Pois a gente não é mãe, não cria um filho pra

ser, como eu criei, absoluto, pra ser o tal, querido e respeitado por homens e mulheres?

(Apolo olha Orfeu, levanta os ombros e interna-se no barracão. Ao emudecer sua mãe, o músico põe-se a tocar baixinho, em acordes nervosos.)

ORFEU

Ah, minha mãe, minha mãe, que bobagem! e para que ofender o meu velho, homem tão bom quanto músico, éle que me ensinou tudo o que eu aprendi, da posição à harmonia, e que se nada fez é por que fez demais, fez poesia.

CLIO

Ah, que eu já estou muito cheta desta vida... Tamara já morrer...

ORFEU

Morrer sem ver o filho de seu filho, que vai ser o maioral dos maiorais?

CLIO (chegando-se a éle)

Que conversa esquisita é essa, meu filho?

ORFEU (ponde-lhe as mãos nos ombros)

Mãe grande minha mãe, e ainda tão boba! (Recomeça a tocar) Minha mãezinha, eu quero me casar com Eurídice...

CLIO (a voz desesperada)

Com Eurídice, meu filho? Com Eurídice, nego? Mas... pra que?

ORFEU (dedilhando docemente)

Eu gosto dela, minha mãe; é um gosto que não me sai nunca da boca; um gosto que sabe a tudo o que de bom já tive! Aos seus beijos de mãe quando eu menino; à primeira canção que fiz, ao sonho que sonhei de chegar onde estou hoje. Um gosto sem palavras como só a música pode saber...

(Dedilha o violão, como à procura da expressão que lhe falta).

ATENCÃO

MICRO
FONE

x *falha no violão*
MÃO

V4 nº 309

~~TERMINA~~
COMEÇA

Minha mãe, eu quero Eurídice e Eurídice me quer. Teu Orfeu, minha mãe, também é homem, precisa uma mulher...

CLIO (embargada)

Uma mulher! Qual a mulher que Orfeu não pode ter? É só chamar... Meu filho, o morro é teu. É só você; desde sua mãe, que é tua, até a última mulher... Pra que ir se amerrar, meu filho? Pensa um pouco, você nasceu para ser livre, Orfeu! Orfeu prisioneiro...

ORFEU

Nada disso! Você não entende, não; não sou mais eu; é ela, minha mãe. Orfeu é Eurídice. ~~A~~ música de Orfeu é como o vento e a flor; sem a flor não há perfume, há o vento sozinho, e é triste o vento sozinho, minha mãe..X

CLIO

Escuta, filho: Eu sei, tudo isso eu sei; minha conversa é contra, Orfeu. Não é que eu seja contra você gostar de Eurídice, meu filho. Não tem mesmo pretinha mais bonita nem melhor, neste morro - uma menina que faz gosto, de tão mimosa... mas pra que? Eu te conheço bem, Orfeu. Eu é que sou tua mãe, e não Eurídice! Mãe é que sabe, mãe é que aconselha, mãe é que vê! e

sgraça
, tu com
ve e que
importe.
ato, fi-
lo de
sua...
eu
. Não
ito
sua
Quem

LAMENTO NO MORRO

samba de antonio carlos jobim
e Vinicius de Moraes

NÃO POSSO ESQUECER
O TEU OLHAR
LONGE DOS OLHOS MEUS...

AI, O MEU VIVER
É TE ESPERAR
PRA TE DIZER ADEUS...

MULHER AMADA,
DESTINO MEU,
É MADRUGADA,
SERENO DOS MEUS OLHOS JÁ CORREU...

Vym 309

- 9 -

Vym 309

- 10 -

casa quer ter casa e ter sustento. Casamento de pobre é amigão. Junta só com a menina; casa não!

(Enquanto sua mãe fala Orfeu não para um só instante de tocar, como se discutisse com ela em sua música, às vezes com a maior doçura, às vezes irritado ao extremo. Ao ver no entanto a face dolorosa com que Clío termina a sua exortação, corre a ela e abraça-a.)

ORFEU

Silêncio

Minha velha!

CLIO (chorando)

Meu filho, casa não!

78

DISCO A

F+2

PAUSA Adicional

1ª TEMA

(Põe-lhe os braços sobre os ombros trazendo-lhe a cabeça, e beija-o rudemente sobre a testa. Orfeu conserva-se assim por um instante, meio curvo. Ao recuperar-se novamente, está sozinho. Olha atoa, atônito. Seu violão, como perdido, responde ao estado de alma que o toma em acordes lancinantemente dissonantes. A frase musical correspondente ao nome de Eurídice reponta pungente em seu dedilhado agônico. Ele aproxima-se da amurada, volve para as luzes da cidade. Uma lufada de vento traz sons como de harpa, que parecem enunciar o nome de Eurídice. Tudo é Eurídice na mecânica do instante, e a presença da mulher amada deve manter-se como uma força e fatalidade inenarráveis.)

CRD MI FONE

VIOLÃO

ORFEU

depois da luz

(4)

Introdução de Orfeu seguida da orquestra

Eurídice! Eurídice! Eurídice!

(O violão responde com três acordes semelhantes. Aos poucos, uma melodia parece repontar, com ritmos mais característicos da massa informe de música que brota do instrumento. Orfeu atento ao chamado, dedica mais cuidadosamente certas frases. Aos poucos o samba começa a adquirir forma, enquanto a letra espontânea, a princípio soletrada, vai se adaptando à música.)

PERDI A PAZ

ORFEU (cantando)

ELE

LP- ~~13313~~

CANTA INTEIRO ACITATA

F+1 3313

Um nome de mulher, um nome só, nada mais, e um homem que se pre-

5

UM HOMEM DE MULHER

samba de Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes

UM HOMEM DE MULHER,
UM HOMEM SÓ É NADA MAIS...
E UM HOMEM QUE SE PREZA
EM PRANTOS SE DESFAZ
E FAZ O QUE NÃO QUER
E PERDE A PAZ...

EU, POR EXEMPLO, NÃO SABIA, AI, AI
O QUE ERA AMAR,
DEPOIS VOCE ME APARECEU
E LÁ FUI EU,
E AINDA VOU MAIS...

Silêncio

ORFEU

Eh, sambinha gostoso! estou te vendo descer o morro, meu sam-
ba... O turbilhão de músicas em mim! Ih, já tem outra pronta
para sair! sossega, idéia! Calma, violão! assim não adianta!
Vamos mais devagar... Deixa ver essa (dedilha) Melodia... fra-
se para uma canção, uma canção a se chamar...

MICROFONE

Silêncio → *Banfa*
LUZ-LIGA

EURÍDICE (que já se achava presente há algum tempo, a ob-
servá-lo)

... "Eurídice":

ORFEU

Foi você que falou violão? eu foi o nome dela no meu coração
que eu disse sem saber?...

EURÍDICE

Foi não, foi não! Foi o amor mesmo que chegou, Orfeu! Sou eu,
neguinho...

ORFEU (ventando-se, dá com ela e recua como ofuscado)

Eurídice! visão!

EURÍDICE

Como passou o meu amor sem mim? Pensou em mim? (suspira). Três
horas e quarenta minutos sem olhar o meu amor. Ah, meu amor mais
lindo...

(Correm um para o outro e se abraçam apaixonadamente.)

(Riem os dois, de mãos dadas, contemplando-se.)

Eurídice, dizer que eu nasci antes de você nascer! Como é que pode ser? e que é que eu era antes de Eurídice? um feixe grande de ossos? Um bocado de carne e pele escura? Dois pés e duas mãos? E o sentimento, a idéia, o que eram? Nada! o nascimento de Orfeu foi quando Eurídice nasceu.

EURÍDICE

Doçura do meu peito! fala mansa que tôda me arrepiã! desgraçado que me matas de gosto! tentação! Ah não me fala assim tão doce não, ainda não, ainda não, senão Eurídice vai ser tua antes de ser...

ORFEU

Paixão! Paixão que me alucina e me dá vida. Mulher do meu amor aparecida, eu te quero pra mim!

EURÍDICE

..inda não! Por favor, meu amor, um segundinho só; daqui dois dias nos casemos como se combinou; já está tratado o casamento e tudo; já coci meu vestido de noiva, comprei véu... Vamos fazer assim como Deus quer, não é mesmo?

ORFEU (abraçando-a violentamente)

Paixão, paixão, paixão, paixão por ti, mulher!

(Beijam-se num embate irresistível, enquanto novamente o céu escurece como se uma nuvem ocultasse a lua. ~~Sens como vezes informes parecem vir do vento, am meio das quais repontam subitamente os gemidos agonizados de Eurídice.~~)

EURÍDICE (a voz embargada)

Não, meu neguinho! pelo amor de Deus. ..inda não, ainda não!

(A luz da lua volta a iluminar a cena. Orfeu desembaraça-se lentamente do abraço da namorada.)

ORFEU

Perdão, Eurídice. Se é que é possível o amor pedir perdão. Dois dias mais... é tanto tempo, Eurídice... 'Tá bem. Faço das tripas coração. Merro de amor, "tá bom?... porque a pre-
tinha não me quer...

EURÍDICE (num gemido)

Peste, demônio, coisa ruim! me mate mas não me fala assim...

ORFEU

Minha adorada, eu estou brincando, bem querer...

EURÍDICE

Desculpa... A culpa é minha, eu sei...

ORFEU

Ninguém tem culpa, minha neguinha... é só amor - mais nada.

EURÍDICE (suspirando fundo)

Poxa! estou com a cabeça revirada...

(Riem gestosamente. Depois novamente se abraçam, desta vez com infinita ternura.)

ORFEU (berçando a namorada)

O meu amor tão bom... Meu bem... Meu bem...

~~EURÍDICE (reconhecendo como um gato)~~~~* Diz que mulher tem alma de gato. Tem.~~

(Riem mais, abraçados. Depois Eurídice desenlaça-se.)

ORFEU

Jé, neguinha?

EURÍDICE

É preciso, meu amor. Preciso dar uma chegada em casa. Ver ~~o~~
mamãe
~~sozinha.~~

ORFEU

Vê se volta, por favor. Tenho um sambinha novo pra mostrar e quem sabe se até você voltar não sai outro?

MIRROFONE

EURÍDICE (dirigindo-se ao violão)

Me diga: sai, violão?

(Orfeu dedilha o instrumento à sôlta.)

** Bamba. afinação*

ORFEU

Ele disse que faz o que 'ocê manda, meu coração.

EURÍDICE (benzendo-se)

Quêz credô! até parece que essa viola fala de verdade. Vai ver fala de fato.

(Orfeu, brincando, exprime coisas que lhe quer dizer, coisas súplices que fazem a namorada rir.)

** Bamba*

Até, neguinho. Volte num instante.

+ LUZ - APAGA

(De repente retorna o vento, e os rumores estranhos da noite. O violão toca agitado por alguns instantes enquanto Eurídice se afasta.)

Silêncio

TERMINA

ORFEU (num grito)

Eurídice!

EURÍDICE (vontando-se assustada)

Que foi, Orfeu? alguma coisa, meu bem querer?

ORFEU

Não sei. Me deu de repente um negócio, uma agonia, uma vontade de te ver...

(A cena clareia fantásticamente como se a intensidade do luar tivesse aumentado sobrenaturalmente.)

Querida! Não vai não!

EURÍDICE

Meu neguinho, que bobagem. É um instantinho só. Volto com a aragem.

ORFEU

Porque você está assim, minha filhinha. O que é que foi?

EURÍDICE

É a lua, coração. É a luz da lua, não é nada não.

ORFEU

Ai, que agonia que você me deu, meu amor! que impressão! que pesadelo! Como se eu te estivesse vendo morta, longe como uma morta...

EURÍDICE (chegando-se a ele)

Morta eu estou. Morta de amor, eu estou; morta e enterrada, com cruz por cima e tudo!

ORFEU (sorrindo)

Namorada! Vai bem depressa. Deus te leve. Aqui ficam os meus restos a esperar por ti, que dá vida!

(Eurídice atira-lhe um beijo e sai.)

monólogo

Mulher mais adorada! Agora que não estás, deixo que rompa o meu peito em soluços! Te enrustiste em minha vida! e cada hora que passa é mais por que te amar, a hora derrama o seu óleo de amor em mim, amada. E sabes de uma coisa? cada vez que o sofrimento vem, essa saudade de estar perto, se longe; ou estar mais perto se perto, que é que eu sei! essa agonia de viver fraco, o peito extravasado, o mel correndo; essa incapacidade de me sentir mais eu, Orfeu; tudo isso que é bem capaz de confundir o espírito de um homem - nada disso tem importância quando tu chegas com essa charla antiga, esse contentamento, essa harmonia, esse corpo e falas essas coisas que me dão essa força, essa coragem, esse orgulho de rei. Ah, minha Eurídice, meu verso, meu silêncio, minha música, nunca fuja de

mim! sem ti sou nada, sou coisa sem razão, jogada; sou pe -
 dra rolada; Orfeu menos Eurídice coisa incompreensível. A exis -
 tência sem ti é como olhar para um relógio só com o ponteiro
 de minutos. Tu és a hora, és o que dá sentido e direção ao tem -
 po, minha amiga mais querida! qual mãe, qual pai, qual nada!
 A beleza da vida és tu, amada! Milhões amada! Ah, criatura!
 quem poderias pensar que Orfeu: Orfeu cujo violão é a vida da
 cidade e cuja fala, como o vento à flor despetala as mulheres -
 que éle, o próprio ficasse assim rendido aos teus encantos!

Sofia
Blanca
Dulceta
Pretinha, pele escura, dente branco vai teu caminho que eu vou
 te seguindo no pensamento e aqui me deixo, rente quando volta -
 res, pela luz cheia para os braços sem fim do teu amigo. Vai
 tua vida, pássaro contente, vai tua vida que eu estarei con -
 contigo!

6
 (As últimas linhas o violão de Orfeu já começa a afirmar uma nova
 melodia, que o músico retoma. O samba se vai pouco a pouco reve -
 lando, enquanto se forma a letra, naturalmente, ao sabor do ensa -
 io. Orfeu canta.)

VAI TUA VIDA

samba de Antonio Carlos Jobim
 e Vinicius de Moraes

VAI TUA VIDA
 TEU CAMINHO É DE PAZ E AMOR;
 A TUA VIDA
 É UMA LINDA CANÇÃO DE AMOR;
 ABRE OS TEUS BRAÇOS E CANTA A ÚLTIMA ESPERANÇA,
 A ESPERANÇA DIVINA
 DE VIVER EM PAZ

SE TODOS FOSSEM IGUAIS A VOCE
 QUE MARAVILHA VIVER!
 UMA CANÇÃO PELO AR...
 UMA MULHER A CANTAR
 UMA CIDADE A CANTAR
 A SORRIR, A CANTAR, A PEDIR
 A BELEZA DE AMAR
 COMO O SOL, COMO A FLOR, COMO A LUZ
 AMAR SEM MENTIR NEM SOFRER...
 EXISTIRIA A VERDADE
 VERDADE QUE NINGUÉM VE
 SE TODOS FOSSEM NO MUNDO IGUAIS A VOCE.

VM nº 309
 (As últimas linhas entra Mira.)

VIOLÃO
ATENÇÃO

Silêncio

MIRA

Tá bom, deixa... Sambinha novo, Orfeu?

ORFEU (olhando-a, casualmente)

É. Samba novo. Como vai. Adeus.

MIRA

Ah, gostei muito da recepção. Antes não tinha disso não, violão.

ORFEU

É. Boa noite. Vê se eu estou na esquina. Se eu não estiver vem logo me contar. Não me encontrando, eu estou nelgum lugar.

MIRA (mudando o tom)

Que é isso, coração? me desprezando? Antigamente 'ocê era diferente... Me lembro um samba teu chamado "Mira". Se lembra?

ORFEU

Dêsse lado de cá não escuto nada, de tanto que escutci conversa fiada. Joga pro alto!

MIRA

Te manca aí! Se fôsse outra pessoa que eu conheço você escutava direitinho...

ORFEU

Some! Sacode o lombo, vira fada, voa!

MIRA

Tu com essas partes tôdas, coisa atoa! Não faz um ano andava me pegando... Se esqueceu?

ORFEU

Me esqueci. Ora esse é boa! Que é que há pra lembrar que eu não me lembro? Sou esquecido, esquecido...

MIRA

Talvés você precise de alguém pra refrescar sua memória, alguma suja, alguma descarada, alguma vagabunda sem vergonha, algu

ma crioulinha de pedreira metida a branca.

ORFEU (vontando-se furibundo)

Lete o pé, ferida! Senão eu te dou já uma pregada na boca car-comida!

MIRA (enfrentando-o)

Não diga? Dá se 'ocê é homem!

ORFEU (chegando-se a ela)

Vai-te embora, mulher, enquanto é tempo. Não me põe louco! Faz o que eu te digo!

MIRA (rindo sarcástica)

Bancando o seu abóbore... Nem te ligo. Quem sabe até não quer me convidar para madrinha?

ORFEU (como para si mesmo)

Que é, isso, Orfeu... Muita calma, calma, homem, calma... X

MIRA (olhando-o com desprezo)

E. Vou buscar o calmante, tá bom? Dizer que isso já foi o tal!

Que é que te deu, Orfeu. Te puseram feitiço?

ORFEU

Vai levando... Desaparece, Mira! Estou querendo é paz, é muita paz. Não me chateia pelo amor de sua mãe, some.

MIRA (cuspiendo)

Ferida! Ferida és tu, seu mal agradecido. Desprezar essa negra que te deu tudo o que tinha, tudo!

ORFEU

Calma, Orfeu, muita calma...

MIRA

Vendido! Porcaria! Filho duma cadela! Vai pro mato pegar a tua Eurídice!

(As essas palavras Orfeu avança sobre ela e agride-a a bofetadas. A mu-

lher reage e os dois lutam violentamente por um instante. Numa se-
paração momentânea Mira, atemorizada, recua.)

CLIO (de dentro, a voz assustada)

Orfeu? Orfeu?

(Orfeu se retoma e por um momnto deixa-se estar na mesma posição,
ofegante, enquanto a mulher, apavorada, foge lentamente, de cos-
tas, até desaparecer numa carreira.)

ORFEU (a voz alterada)

Pode dormir quiectinha, mãe. Sou eu.

CLIO (no entressono)

Não fica muito tempo nesse frio, meu filho; vem dormir.

ORFEU

Já vou, mãezinha.

Bomfê - samba -
(Pega no violão e põe-se a tocar agitadamente. Depois vai sere-
nando, em acordes que aos poucos vão se fazendo mais e mais ale-
gres. Por fim o ritmo do samba já reponta. Dá uma sonora garga-
lhada.)

Mulher... ah mulher! → ~~PLA... E...~~

(O instrumento p
ba começa a apar

SEMPRE MULHER

samba de Antonio Carlos Jobim
e Vinicius de Moraes

MULHER, AI, AI, MULHER
SEMPRE MULHER DE NO QUER DER
VOCE ME ABRAÇA, ME BEIJA, ME XINGA
ME BOTA MANDINGA
DEPOIS FAZ A BRIGA
SÓ PRA VER QUEBRAR;
MULHER, SEJA LEAL
VOCE BOTA MUITA BANCA E INFELIZMENTE
EU NÃO SOU JORNAL.

MULHER, MARTÍRIO MEU
O NOSSO AMOR DEU NO QUE DEU
E SENDO ASSIM NÃO INSISTA, DESISTA
VÁ FAZENDO A PISTA
CHORE UM BOCADINHO
E SE ESQUEÇA DE MIM

(Ri gostosa, sonoramente. Enquanto a sua risada se prolonga, chegam novamente, informes, os ruídos da natureza, misteriosos como falas. A cena escurece como anteriormente. Orfeu, olhando em torno sai lentamente de cena repetindo seu samba ao violão. Passados alguns segundos entra Aristeu.)

ARISTEU

Eu me chamo Aristeu, pastor de abelhas, mas não há mel bastante nesse mundo para adoçar a minha negra mágoa... Aristeu, Aristeu, por que nasceste para morrer assim, cada segundo desse teu negro amor sem esperança? Ah, Eurídice, criança! Que destino cruel pôs-te, fatal, no meu caminho com teu corpo, teus olhos, teu sorriso e tua indiferença? Ah, negra inveja de Orfeu! Ah música de Orfeu! Ah coração meu, negro favo crepitando abelhas a distilarem o negro mel do crime! Orfeu, meu irmão! Porque, porque teu vulto em forma de punhal no meu caminho? Porque te fez tão belo a natureza para não a Aristeu, amar-te Eurídice? Porque razão te dizes meu amigo, Orfeu, se praticaste a crueldade de seres como és, e sendo Orfeu seres mais bem amado? Ah desgraçado Aristeu, pobre vendedor de mel, do mel de Orfeu! Tu, Orfeu, deste a colmeia que um dia, entre as abelhas, de repente abriu na cera o ninho da serpente que há de picar Eurídice no seio: negro seio que nunca há de dar leite.

(No final do monólogo, entra Mira que escondida, deixa-se a observar Aristeu).

MIRA

Não é verdade, Aristeu: o seio negro de Eurídice, daqui mais nove meses estará escorrendo leite branco para o filho de Orfeu! Eu sei, Aristeu, eu sei porque eu ouvi!

ARISTEU (vontando-se)

Quem está aí?

MIRA (aparecendo)

Eu, Mira!

ARISTEU (ventandô-se possesso)

Mentira! É uma mentira! (agarra-a) Fala, mulher!

MIRA

Se você me sufoca assim, como é que eu vou poder falar?

ARISTEU

Então cala!

MIRA

Isso não! Vou te contar tudo o que ouvi Orfeu dizer a Eurídice e Eurídice a Orfeu. Não banca o otário, Aristeu!

(Põe-se a sussurrar-lhe ao ouvido, depois olha em torno)

Mas não aqui... pode chegar Orfeu.

(Afastam-se rapidamente. Poucos segundos depois aparece Orfeu acompanhando no violão um choro em flauta que se executa longe no morro. A lua ilumina a cena. Mas de súbito tudo escurece como anteriormente. Orfeu estaca e para de tocar. Logo, do fundo da sombra, cresce uma voz soturna, enorme, como ecoando numa câmara de éco.)

A DAMA NEGRA

O homem nasce da mulher e tem vida breve; no meio do caminho morre o homem, nascido da mulher que morre para que o homem tenha vida. A vida é curta, o amor é curto; só a morte é que é comprida...

ORFEU

Quem falou?

(A cena clareia enquanto surge da escada, lenta, uma gigantesca negra velha, esquelada, envolta até os pés num manto branco, trazendo ao ombro uma enorme borboleta negra pousada e nas mãos um ramo de rosas vermelhas.)

A DAMA NEGRA

Sou eu, Orfeu! a Dama Negra!

ORFEU (as mãos sobre os olhos, como ofuscado)
Sois vós? Quem sois vós, Senhora Dama?

(12)

A DAMA NEGRA

Eu sou a Dama Negra. Não me chamo. Vivo na escuridão. Vim porque ouvi alguém que me chamou,

ORFEU

Não chamou. Ninguém chamou aqui.

A DAMA NEGRA

Chamou, Orfeu. E eu vim.

ORFEU

Não veio. aqui quem manda é Orfeu. Mando eu!

A DAMA NEGRA

Hoje alguém me chamou que vai comigo para o fundo da noite vai comigo alguém que me chamou.

ORFEU

Não chamou! Este é meu reino, aqui quem manda é Orfeu. Digo que não chamou!

A DAMA NEGRA

O mundo é meu, Orfeu, o mundo é meu! tenho um instante para ficar, Orfeu! depois, Orfeu, tenho que ir adiante!

ORFEU

Vá embora, Senhora Dama! eu lhe digo: vá embora! No morro manda Orfeu! Orfeu é a vida! No morro ninguém morre antes da hora. Agora o morro é vida, o morro é Orfeu e a música de Orfeu! nada no morro existe sem Orfeu e a sua viola. Cada homem no morro e a sua mulher vivem só porque Orfeu os faz viver com sua música! eu sou a harmonia e a paz, e o castigo! eu sou Orfeu, o músico.

A DAMA NEGRA

Orfeu, eu sou a Paz. Não sou de briga, Orfeu.

ORFEU

Orfeu é forte. Vá se embora, Senhora Dama.

A DAMA NEGRA

Não. Alguém chamou. Aqui esperarei.

ORFEU

Orfeu é muito forte! Orfeu é rei! Vá se embora, Senhora!

(Põe-se a tocar furiosamente em seu violão, em ritmos e batidas violentas. Os sons, à medida que se avolumam vão criando uma impressão formidável de magia negra, de macumba, de bruxedo.)

E vá dançando!

(A Dama Negra, ao ritmo que se desenvolve cada vez mais rapidamente, põe-se a dançar passos de macumba, a princípio lenta, depois vertiginosamente na progressão da música.)

ORFEU

Dança, Senhora Dama! Dança! Dança!

(O movimento segue assim, num crescendo infinito até que, exausto, Orfeu para, com macabro e demoníaco som do violão. A cena escurece totalmente. Quando clareia, vê-se Eurídice no mesmo lugar onde se achava a Dama Negra, também de branco, com um ramo de rosas na mão. Uma borboleta negra adoja em torno dela.)

EURÍDICE

Orfeu! Querido! Que é que aconteceu?

ORFEU (olha-a como se não a reconhecesse)

Eurídice? Que sonho tive eu, minha Eurídice!

EURÍDICE (corre até êle)

'Tado do meu nenquinho, eu demorei demais. Também mamãe não queria que eu viesse, deu conselho: Lenina, toma tento! espera um pouco, sossega com esse fogo; se resguarda, patati-patatá. E eu conversando com ela, dizendo que era só um instante, que eu só

queria te dizer boa noite. Desculpa, meu amor...

ORFEU

Minha adorada, perto de ti não penso mais em nada. Foi um sonho, passou...

EURÍDICE

Fêz algum samba?

ORFEU

Fiz dois

EURÍDICE

Fêz algum para mim, Orfeu?

ORFEU

Tudo o que sei do violão é teu, mulher...

EURÍDICE

Que mais que aconteceu?

ORFEU

Nada. Mira veio me ver. Me provocou. Quase deu-lhe na cara uma briga.

EURÍDICE (rindo)

E foi brigando até! Ciumenta...

ORFEU

É. Perdoa a bobagem...

EURÍDICE (beijando-o)

Perdoada.

Valsa Romântica

(Orfeu prende-a num beijo e os dois amorosos se enlaçam estreitamente, enquanto volta o vento e com o vento os sons misteriosos da noite. Mas eles nada percebem, entregues à força da sua paixão.)

ORFEU

Mulher, não me maltrata assim, malvada. Não me maltrata assim...

EURÍDICE (abandonada)

Neguinho, Neguinho meu!

ORFEU

Ó que paixão danada, ó que paixão ruim! (Enlaça-a pela cintura) Minha adorada, porque?

EURÍDICE

Meu bem...

ORFEU

Porque, porque?

EURÍDICE

Quer a sua pretinha tanto assim?

ORFEU (a voz estrangulada)

Não é nem mais querer... é coisa ruim. É morte.

EURÍDICE, (pensativa)

Morte? Morrer... e se eu morresse? Você ia sentir muito? Ou ficava, quem sabe, até bastante aliviado?

ORFEU (num soluço)

Cala a boca, querida! Se eu te perdesse agora eu ia te buscar mesmo no inferno tanto que eu te quero!

EURÍDICE

Pensa que eu também não quero?

ORFEU

E então porque, meu bem?

EURÍDICE

Você quer?

ORFEU

Nada no mundo eu quero mais, mulher, amor de minha vida...

EURÍDICE (brincalhona)

Mas depois não vai censar de mim?

ORFEU

Depois, vai ser só um - nunca mais dois: Eurídice e Orfeu.

EURÍDICE

Querido, escuta. Mas onde?

ORFEU

No barracão de Orfeu. Na cama que Orfeu tinha preparado para a mulher que Deus lhe deu...

EURÍDICE

E os outros, e sua mãe, seu pai?

ORFEU

Tudo arrumado. Tenho lá meu quartinho separado. A cama é um pouco dura, senão meu...

EURÍDICE

Hoje Eurídice é cama para Orfeu.

(Beijam-se de novo, ternamente e entram juntos no barraco. À sua entrada a noite se faz imensamente clara e pássaros noturnos chilreiam invisíveis, enquanto melodias parecem vir da voz do vento. Mas logo surge de trás de um dos barracos o vulto de um negro alto e esguio, que se esgueira sarrateiramente e se vem plantar, num gesto dramático, em frente à casa dos dois amantes. Coincidindo com o seu gesto, e com uma nova música, patética, que vem dos ruídos da noite, a Dama Negra surge da sombra.)

ARISTEU (a voz soluçante)

Eurídice!

A DAMA NEGRA

Eurídice morreu.

MICRO
BOM
VIOLÃO

MM

0

ROSINAL

→ DISCO C-2ª Fx.

LENTO

B

12

Fama Antena

8

ARISTEU

Quem falou? Quem falou?

A DAMA NEGRA

Eu, Aristeu! A Dama Negra, Aristeu...

ARISTEU (num grito selvagem)

Eurídice!

A DAMA NEGRA

Tarde viste, Aristeu. A tua Eurídice, a tua Eurídice morreu! naquela casa entre os braços do homem que a perdeu, entre os braços de Orfeu, a tua Eurídice, a tua Eurídice morreu, Aristeu!

ARISTEU

Não, não morreu! Está viva! Morrerá do braço meu. Quero seu sangue!

A DAMA NEGRA

Ela morreu, Aristeu. Dentro daquela casa, a tua Eurídice tudo o que tinha deu ao seu Orfeu, Aristeu!

ARISTEU

Cala-te! ela ainda não morreu. Está viva, eu é que vou matar, seu eu! Ou minha ou de ninguém!

A DAMA NEGRA

Qual, Aristeu... Tudo o que a tua Eurídice guardava já entregou a Orfeu.

~~Ariseu~~ (Aristeu, como louco, investe pra a casa, brandindo os punhos. Nesse momento ouvem-se as vozes confusas dos dois amantes e ambos, Aristeu e a Dama Negra, se recolhem furtivamente à sombra. A porta se entre-abre, para deixar passar Eurídice. Orfeu surge a meio corpo apenas, entre os humbrais. Beijam-se demoradamente.)

EURÍDICE

Boa noite, amor

* Violão Bonifá
depois de clarear

ORFEU

Boa noite, amiga.

EURÍDICE

Como o corpo meu que foi teu, também meu pensamento vai contigo!

ORFEU

Doce bem, pensa em mim, pensa bastante em mim.

EURÍDICE (beijando-o)

Meu homem! meu adorador!

ORFEU

Todo teu, todo teu, todo teu, o corpo, a alma e a música de Orfeu!

EURÍDICE

Ah que saudade!

ORFEU

Nem me fales mulher (beija-a) Te apeteceu?

EURÍDICE

Dor mais gostosa só morrer no céu. Meu homem!

ORFEU

Meu amor!

EURÍDICE

Meu doce Orfeu! Boa noite, preciso ir...

ORFEU

Leva contigo o meu amor...

EURÍDICE

~~Contigo fica o sangue do meu amor, amor, adeus...~~

ORFEU

~~You te levar em casa meu, benzinho. Não gosto de te ver sair só-~~

zinha a essas horas da noite.

EURÍDICE

Queridinho, não se lembra? ~~Acabou a vadiagem aqui no morro...~~

ORFEU

É mesmo! Vai em paz, meu amor, toma cuidado pelo caminho!
(olha a noite) A lua foi amiga, não foi, amiga?

EURÍDICE (beijando-o)

Foi, amigo. adeus!

ORFEU (beija-a)

adeus!

EURÍDICE

adeus!

(Entra. Ao voltar-se Eurídice, Aristeu, surgindo do escuro, um pu-
nhal na mão, mata-a espetacularmente. Eurídice cai.)

EURÍDICE (ao morrer)

adeus.

ARISTEU (fugindo embuçado)

adeus, mulher de Orfeu!

(A cena vai escurecendo lentamente, enquanto a Dama Negra surge do
canto onde se ocultara. Tudo é silêncio. Com um gesto largo a Dama
Negra tira o grande manto que a veste e cobre com ele o corpo de Eu-
rídice morta enquanto cai o pano.)

(Fim do primeiro ato)

SEGUNDO ATO

O interior do clube "Os Maiorais do Inferno", num fim de baile de terça-feira gorda. Cenário e ambiente característicos do nome, com grande margem para a sugestão de um ballet, sem prejuízo, no entanto, do equilíbrio clássico que deve ser mantido no decorrer da ação. Pares e indivíduos isolados dançam pelo salão sem música, entre as sombras rubro-negras de refletores a insinuar a presença do fogo. Todas as figuras secundárias, homens e mulheres, vestem-se com o uniforme da sociedade carnavalesca, sendo que no caso destas últimas a indumentária faz lembrar vivamente Eurídice. Estão todos mascarados, os homens de branco, as mulheres de vermelho. Como nas orgias gregas os homens perseguem as damas, que accitam e refugam, ao sabor do movimento. Bebe-se fartamente, com unção, e na boca das garrafas. Num trono diabólico, ao fundo, sentam-se Plutão e Proserpina, com uma corte de mulheres à volta. Esse casal mefistofélico deve-se caracterizar pelo tamanho e gordura, gente gigantesca, rissonha, desperdiçada, a aproximar comparsas solitários, a gritar, a beber insinuando, criando a festa.

PLUTÃO (às gargalhadas, em tom altíssimo, sugerindo o samba negro)

Aproveita, minha gente, que amanhã não tem mais! Hoje é o último dia! Aproveitem, meus filhos, que amanhã é Cinzas! Não quero ninguém triste, não quero ninguém sozinho, não quero ninguém a sério! Enchem a cara que a morte é certa! Amanhã é Cinzas, hoje é a alegria, o último dia da alegria! Afinal de contas, quem é que manda aqui?

PROSERPINA (vivando)

É o rei, é o rei!

TODOS (em coro)

É o rei, é o rei!

PLUTÃO (erguendo-se em toda a estatura)

Quem é o rei?

TODOS (aplaudindo vivamente)

É O REI, É O REI!

(Dispersam-se como doidos, a marcar o tempo com palmas e sapateados, enquanto dançam ao sabor da frase, sempre repetida: "É o rei, é o rei!") Plutão e Proserpina riem-se a morrer. A seus pés as mulheres riem-se também, a se rolar sensualmente.)

PLUTÃO (No mesmo tom agudo)

Triste de quem não quer brincar, que fica a labutar ou a pensar o dia inteiro! Triste de quem leva a vida a sério, acaba num cemitério trabalhando de coveiro!

TODOS (em coro, marcando o compasso)

Acaba num cemitério, trabalhando de coveiro!

PROSERPINA (bêbada, erguendo-se)

E viva a orgie! É o reinado da folia! É hoje o último dia! E viva!

TODOS

E viva!

PLUTÃO

Quem é que marca o tempo, meus filhos?

TODOS

É o bumbo!

(Ouve-se o som monstruosamente ampliado de um bumbo).

PLUTÃO

Quem é que marca o ritmo?

TODOS

É o tamborim!

(O mesmo com um tamborim).

PLUTÃO

Quem é que marca a cadência?

TODOS

É o pandeiro!

(O mesmo, com um pandeiro)

PLUTÃO

Quem é que faz a marcação?

TODOS

É a cuíca!

(O mesmo, com uma cuíca)

PLUTÃO

Quem é que anima a brincadeira?

TODOS

É o piano de cuia!

(O mesmo, com um piano de cuia)

PLUTÃO

Então, o que é que faz a batucada?

TODOS

É o bumbo, é o tamborim, é o pandeiro, é a cuica, é o piano de cuia!

PLUTÃO

Então como é como é como é? Sai ou não sai esse samba?

(Ouve-se o apito. Depois o primeiro e em seguida o segundo e terceiro tamborins. Logo entra a cuica, num crescendo.)

PLUTÃO (altíssimo, superando a marcação)

É o samba ou não é?

TODOS

É!

PLUTÃO

É gostoso ou não é?

TODOS

É!

PLUTÃO

É do diabo ou não é?

É!

(O som atinge proporções fabulosas, enquanto todo o mundo se põe a dançar, batendo com os pés a marcação. Plutão e Proserpina dançam também, sobre o estrado, entre as mulheres que rolam, bêbadas. A cena conserva-se assim, por um tempo razoavelmente grande. De repente insinua-se, a princípio longínquo, depois numa amplitude cada vez maior, a dominar o batuque, o som cristalino de um violão que plange. Uma após outra, todas as figuras vão se imobilizando nas posturas originais do samba, e o som do batuque decrece, à medida que o das cordas aumenta. Só Plutão se ergue, como atônito e se inclina para ouvir. O instrumento corre escalas dulcíssimas, em trêmolos e glissandos que se aproximam mais e mais. De vez em quando no meio da música uma voz cha, a. É a voz de Orfeu.)

A VOZ DE ORFEU (longuissimamente)

Eurídice!

(Cada vez que a voz chama, cria-se um silêncio provisório do instrumento. Esses chamados alternam-se com a expressão carinhosa da música, da qual participa frequentemente a frase musical correspondente ao nome da mulher amada. Em breve as mulheres apenas, não os homens, vão saindo do letargo em que se achavam e como desabrochando da imobilidade.)

A VOZ DE ORFEU

Eurídice! Eurídice!

(À medida que o nome vai sendo repetido, as mulheres renascem totalmente, dando lugar então a que se ouça um prenúncio de cêro, orisa fragílíma; espécie de sussurro ou frêmito vocã, como uma crepitação de vento, repetido disonantemente pelas mulheres, em escalas sucessivas, até desaparecer, de tão tênue. Esse éco coral desdobra o patético do nome que a voz de Orfeu trouxe de longe.)

A VOZ DE ORFEU

Eurídice!

O ECO CORAL (sõmente as mulheres)

Eurídice... rídice... ídice... dice... ce... ce... ce... eee...

A VOZ DE ORFEU (tristíssima)

Eurídice...

O ECO CORAL

Eurídice... rídice... ídice... dice... ce...

A VOZ DE ORFEU

Mulata...

O ECO CORAL

Ai... ai... ai... ai... ai... ai... ai...

PLUTÃO (erguendo-se arrebatadamente)

Continua a festa! Continua a festa!

(A essas palavras imperativas as mulheres se imobilizam, enquanto os homens começam a despertar. Insinua-se, em meio ao som do violão, o toque da batucada.)

PLUTÃO (bradando)

Alegria! É o reinado da alegria! Amanhã é Cinzas! Hoje é o último dia! E viva Komo! E viva a folia!

PLANO DO CÉRBERO

Vê-se Orfeu descendo, tocando seu violão, uma grande expressão de mágoa estampada no rosto. Ele busca Eurídice em meio às loucuras do Carnaval. Dirige-se para o clube dos "Máiorais do Inferno", onde se processa, infernalmente, a batucada. Mas, súbito, vê seu caminho barrado pelo Cérbero, porteiro do clube, o grande cão de muitos braços e muitas cabeças, que investe contra ele ameaçadoramente, e só não o trucidá porque Orfeu não para de tocar sua música divina, que o perturba. Quando o Cão avança, roscando e querendo morder, Orfeu recua, sempre tocando, e ante a música é o cão que, por sua vez recua, sem saber o que faça. Pouco a pouco a música de Orfeu domina o Cérbero, que acaba por vir lamber-lhe os pés e fica estirado no chão, dormindo serenamente.

(A batucada prossegue em crescendo, dominando aos poucos os sons do violão. Assim permanece por alguns instantes. De repente ouve-se um brado desesperado, um grito inarticulado, como de horror. Deve ser tão sobre-humanamente alto e súbito que o seu efeito seria o de traumatizar completamente a assistência.)

A VOZ DE ORFEU

Eurídice!

(Logo após esse grito aumentam os reflexos vermelhos do fogo, e em seguida faz-se a escuridão. Uma luz branca projeta-se sobre a porta de entrada, à esquerda, onde surge Orfeu, que para no limiar. Vem todo de branco, e violão a tiracolo. Ali se deixa estático, por um tempo suficientemente grande para que se realiza no espaço o silêncio evocado por aquele monstruoso grito. Ao soar seu violão, acendem-se as luzes e o músico ingressa na sala. Toca um choro triste, ao som do qual dançam as mulheres, somente elas, em passos lânguidos, isoladamente. Orfeu passeia pela sala, e durante esse passeio as mulheres o requestam com os gestos de sua dança.)

PLUTÃO (pondo-se de pé, num brado)

Quem sois tu?

termina
→
ORFEU (parando de tocar, enquanto se imobilizam as mulheres)

Eu sou Orfeu, o músico.

PLUTÃO (brandindo o punho)

Em nome do Diabo, responde: quem sois tu?

ORFEU

Eu sou a mágoa, eu sou a tristeza, eu sou a maior tristeza do mundo! Eu sou eu, eu sou Orfeu!

PLUTÃO

O que queres?

PROSERPINA (atirando-se nos seus braços, bêbada, a buscar-lhe a atenção)

Ele quer é rosetar! Deixa êle, bem. Olha para mim!

PLUTÃO

Silêncio, mulher! Plutão está falando, Plutão, o rei dos infernos! Não quero ouvir nem o voar de uma mosca! Silêncio!
(dirigindo-se a Orfeu) O que queres?

ORFEU

Eu quero a morte!

PLUTÃO

Para de fazer gracinha! Diz de uma vez: quem sois tu, e o que queres?

ORFEU

Eu quero Eurídice!

(A esse nome as mulheres recomeçam em sua dança lânguida, enquanto murmuram.)

AS MULHERES

Eu quero a vida, ninguém me dá vida, carnaval acabou, a vida morreu, acabou-se a vida, a vida sou eu, a vida morreu...

PLUTÃO

Em nome do diabo, diz o que queres, homem!

ORFEU (a voz grave e patética)

Eu quero Eurídice!

AS MULHERES (dançando)

Eu sou Eurídice, Eurídice sou eu, quem foi que disse que eu não sou Eurídice? Quem foi que disse que eu não sou Eurídice? Quem foi que disse que eu não sou Eurídice?

ORFEU (num gemido de violão)

Eurídice, querida. Vem comigo!

(Estende os braços para as mulheres, como a solicitá-las. Elas vêm, deixando-se namorar e desvencilham-se ao sabor do movimento.)

PLUTÃO

Ninguém sai daqui sem ordem do rei! Pra fora, penetra! Maiores do Inferno: ponham o penetra pra fora! Pra fora! Ninguém quer arigó aqui!

(Os rumores da batucada começam novamente a se acender. Os homens se movimentam, aproximando-se em passos medidos, ameaçadores. Mas Orfeu domina-os com a magia de seu violão. O movimento estaca por completo.)

ORFEU

Não sou daqui, sou do morro. Sou o músico do morro. No morro sou conhecido - sou a vida do morro. Eurídice morreu. Desci à cidade para buscar Eurídice, a mulher do meu coração. Há muitos dias busco Eurídice. Todo o mundo canta, todo o mundo bebe: ninguém sabe onde Eurídice está. Eu quero Eurídice, a minha noiva morta. a que morreu por amor de mim. Sem Eurí-

dice não posso viver. Sem Eurídice não há Orfeu, não há música não há nada. O morro parou, tudo se esqueceu.- O que resta de vida é a esperança de Orfeu ver Eurídice, de ver Eurídice nem que seja pela última vez!

PLUTÃO

Pra fora! Aqui não tem Eurídice nenhuma. Tás querendo é me acabar com o baile, pilantra. Aqui mando eu. Pra fora, já disse!

PROSERPINA (caindo bêbada sobre ele)

O cara tá é cheio. Deixa ele, bem, senão é capaz de sair es-
trago. Vem cá, dá um beijinho.

PLUTÃO

Espera, mulher! Como é que pode? Como é que pode tocar a festa? Precisa pôr o homem na rua! Não tás vendo que o homem tá de malícia?

AS MULHERES (em coro)

Eu sou Eurídice.

ORFEU (movimenta-se de uma para outra)

Vem comigo! Mulata, vem comigo! Sem você não há vida, não há música, não há nada. Vem comigo! Vem conversar comigo como dantes! Vem deitar na minha cama como dantes!

AS MULHERES (dançando)

Quem foi que disse que eu não sou Eurídice? Quem foi que disse que eu não sou Eurídice?

PLUTÃO (a voz aguda)

Ninguém sai daqui sem ordem do rei! Aqui é o rei quem manda! Toca a música! Onde está a música? Quê é o bumbo o tamborim a cuica o pandeiro o piano de cuia? Toca o apito! Começa o samba! Não acabou o carnaval ainda não!

PROSERPINA

Não resolve. O homem tá de cara cheia. Deixa êle (Ri histè-ricamente) Dor de cotovelo tá comendo sôlta! Dor de cotove-lo tá comendo sôlta, minha gente!

ORFEU (estonteado)

Onde estou eu? Quem sou eu? Que é que eu vim fazer aqui? Como é que foi?... Isso é o inferno e eu quero o céu! Eu quero a minha Eurídice! a minha mulata linda, coberta de sangue... Eu quero a minha Eurídice, que brincava comigo, a minha mulata do dente branco...

(As mulheres o rodeiam, dando-se as mãos. A batucada recomeça, baixinho, entre vozes e risadas perdidas. Está tudo bêbado, largado. Alguns homens correm, tentos, atrás de umas poucas mulheres que bailam à sôlta.)

AS MULHERES (acompanhando a cuíca e o tamborim em ritmo de marcha)

Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar já bateu a meia-noite, Carnaval vai acabar.

ORFEU (os braços para o alto)

Não, não morreu!

AS MULHERES

Tinha uma, tinha duas, tinha três, tinha um milhão, tanta kulher não cabia dentro do seu coração.

ORFEU

A minha Eurídice...

AS MULHERES

Vamos, maninha vamos na praia passear, vamos ver o casamento, ó maninha, que acabou de celebrar.

ORFEU

Eu e Eurídice...

AS MULHERES

Vamos, maninha vamos na praia passear, vamos ver a noiva bela, ó maninha e a marcha nupcial.

ORFEU

Onde? Onde?

(Plutão e Proserpina riem e se abraçam, já meio dormindo.)

AS MULHERES

O anel que tu me deste era vidro e se quebrou...

ORFEU (que se põe a beber de uma garrafa, exaltado)

Não! Era o maior amor do mundo! Era a vida, era a estrela, era o céu! Era o maior amor do mundo, maior que o céu, maior que a morte! Eurídice, querida, acorda e vem comigo...

AS MULHERES

Nessa rua, nessa rua tem um bosque que se chama, que se chama solidão...

ORFEU (clamando)

Eurídice, vem comigo!

(As libações continuam, gerais. Vários casais já dormem pelo chão. Alguns ainda dançam sambas caprichados sem música. Um casal de malandros dança um em frente do outro, jogando capoeira.)

AS MULHERES (pegando-se pelas mãos, e fazendo-se trocar os lugares, a cada linha. Os dois malandros fazem capoeira.)

Os escravos de Job gostavam de brigar, vira, mata, pega o zamberê que dá, guerreiro com guerreiro zip-zip-zip-zá.

(Orfeu corre de uma mulher para outra, tentando separá-las. Mas o movimento sempre o repele. Ele bebe avidamente. Por aí então já todos dormem, com exceção das mulheres que cantam e dos dois malandros que dançam a capoeira, um em frente do outro, à direita.)

ORFEU (brandindo a garraga)

Eu sou o escravo da morte! Eu sou aquele que procura a morte! A morte é Eurídice! Vem comigo, morte...

~~Vocal~~
 → MICROFONE, BA-
 (Requenta as mulheres, mas estas se desvencilham. Orfeu pega o violão e dedilha. Por um momento os sons dulcíssimos dominam tudo e o movimento cessa totalmente, até que as mulheres, fascinadas, começam a seguir Orfeu em passadas lânguidas, medidas, enquanto o músico se afasta, de costas, em direção à porta de saída. Mas quase no momento de sair, inotem, entre os acordes do violão, os ritmos pesados, soturnos da batucada. Os dois sons coincidem por alguns instantes, enquanto as mulheres, indecisas fluem e refluem ao sabor dos dois ritmos.)

ORFEU (para as mulheres)

Vem, Eurídice. Eu te encontrei. Eurídice, é você, é você. Tudo é Eurídice. Todas as mulheres são Eurídice. Quem é que quer mulher morta? Eu não quero mulher morta! Eu quero Eurídice, viva como na noite do nosso amor. Vem, minha vida...

(A aurora rai, pouco a pouco, entre as sombras rubras. Orfeu, voltado para fora, exclama.)

ORFEU

É a madrugada, Eurídice... Lembra, querida, quantas madrugadas eu vi nascer no morro ao lado teu? Lembra, Eurídice, dos passarinhos que vinham acatar o desafio do violão de Orfeu? Lembra do sol raiando sobre o nosso amor? (ergue os braços para a aurora) Eurídice, tu és a madrugada! A noite passou, a escuridão passou. Espera, minha Eurídice! Eu vou, me espera...

(Vai saindo, tocando o seu violão, entre os acordes da batucada em pianíssimo. As mulheres correm após ele, mas o ritmo presente as prende mais. .. cada movimento para a frente respondem com

um refluxo geral, lânguido, dentro do tempo do samba.)

ORFEU (bem longe)

É a madrugada, Eurídice!

AS MULHERES (em círculo, dançando, cantam sem palavras, com sons em surdina que aumentam como violinos)

Hum... m... m... m...

(A cena se conserva assim, as mulheres dançando lânguidamente, os dois malandros lutando capoeira à direita da sala, que se faz mais e mais clara. Ouve-se sempre a voz de Orfeu e seu violão, muito longe, em meio ao toque em pianíssimo do batuque. Depois cai lentamente o

P A N O

condeu quem sabe donde... Pobrezinho! Tal qual alma penada, talvez pior, que está penando em vida...

CLIO

Não, eu não quero mais saber de Deus! Que Deus é esse que apagou assim o espírito de Orfeu? Não quero Deus! Deus de mentira, Deus de inveja, Deus...

(uma crise de pranto a interrompe)

UM HOMEM (fora)

Credo! Que horror!

UMA MULHER (benzendo-se)

Virgem Nossa Senhora! Pobre dessa mulher!

UMA SEGUNDA MULHER

Alguém devia fazer alguma coisa...

UMA TERCEIRA MULHER

É, é preciso chamar um médico.

UM SEGUNDO HOMEM

Não me diga?... Médico aqui no morro...

(Dirige-se em tom zombeteiro a um outro homem)

Eh, você... Pega na Cadilac e chama o médico.

O OUTRO HOMEM (sério)

Acho-te uma gracinha...

O SEGUNDO HOMEM

Uai, porque? Foi a mulher que mandou...

A MULHER

Deus me defenda! Nem se respeita mais a dor alheia. Quando Orfeu 'tava bom não era assim. Esse morro era feliz!

UM VELHO (balançando a cabeça)

Ah, isso era. Com Orfeu esse morro era outra coisa. Havia paz.

TERCEIRO ATO

CÓRO DO TERCEIRO ATO

1a. VOZ DE MULHER

Ai, Orfeu...

2a. VOZ DE MULHER

Pobre Orfeu...

3a. VOZ DE MULHER

Orfeu tão puro...

4a. VOZ DE MULHER

Tão puro que de amor enlouqueceu...

5a. VOZ DE MULHER

Creio em Orfeu...

6a. VOZ DE MULHER

... Criador de melodia...

1a. VOZ DE MULHER

Orfeu, filho de Apolo...

2a. VOZ DE MULHER

... nosso Orfeu!

3a. VOZ DE MULHER

Nasceu de Clío...

4a. VOZ DE MULHER

... e muito padeceu sob o poder maior da poesia...

5a. VOZ DE MULHER

E foi pela paixão crucificado

6a. VOZ DE MULHER

E ficou louco e abandonado...

TODAS AS VOZES

Desceu aos infernos, no terceiro dia ressurgiu dos mortos
e subiu ao morro onde está vagando como alma penada procura
ndo Eurídice...

o o o

TERCEIRO ATO

CENA

A mesma do I Ato. Crepúsculo. Em frente ao barracão de Orfeu veem-se agrupamentos de pessoas que conversam "ad lib" em tom grave, atentas aos acessos de choro e, por vezes, gritos ainda mais de dor que provêm de Clío no interior da casa.

CLIO (possessa)

Ah, maldita, maldita! Que fizeste com o meu filho?

APOLO

Sossega, coração. Tem calma, Clío, pelo amor de Deus...

CLIO

Prostituta, cadela, vagabunda!

APOLO

Clío, olha os vizinhos, minha nêga...

CLIO

Nasce de novo que é pra eu te comer os olhos! Sem vergonha!
Descarada! Nasce de novo, nasce!

APOLO

Minha filha, minha filha, tem calma...

CLIO

Vai embora...

UMA MULHER

E Orfeu, onde andará?

CLIO

Ah, sai de perto de mim... Quero o meu filho! Quero Orfeu!
Onde está meu Orfeu?

UMA OUTRA MULHER

Anda vagando...Passa os dias doidando pelo morro...

APOLO

Está por aí, mulher, 'té por aí quietinho que parece uma criança... A doideira de Orfeu, mulher, é mansa...

CLIO

Doido? Ele está doido, o meu Orfeu?!

SEGUNDA MULHER

E nunca mais ninguém ouviu um som sair do violão...

OUTRA MULHER

É, anda vagando! Meu filho ainda outro dia topou ele! Diz que é impressionante! Vocês conhecem meu garoto, não é? Não é medroso. Pois bem: voltou tão impressionado que foi preciso fazer reza nela pra passar...

CLIO

Virgem! Doido o meu Orfeu? Ah, Deus do céu! Me leva bem depressa que é pra eu encontrar aquela negra que endoideceu o meu Orfeu! Me leva, Deus!

UMA TERCEIRA MULHER

Como foi?

QUARTA MULHER

É, conta como foi!

A OUTRA MULHER

Foi assim! meu garoto vinha vindo da banca de engraxate... (você sabem como ele de levado, sobe o morro lá pela ribanceira...) Muito bem, vinha assim vindo. Estava escurecendo quando ele entrou na mata! De repente vê uma aparição! Esfrega os olhos. Não! era Orfeu! Orfeu todo de ~~um~~ ^{aquele} como anda sempre! violão no peito, braços abertos! boca com um sorriso como esperando alguém, alguém que veio porque ele estremece, de repente abre os braços assim e sai correndo. Vai embora! Meu filho segue ele mas Orfeu se es-

A. TERCEIRA MULHER

U É. Não 'tá certo // Desandou tudo nesse morro. Tudo // Quanta briga, meu Deus, que tem saído, quanta gente mudando pra outros morros. Foi mau olhado, foi...

A. QUARTA MULHER

Cala essa boca! Não chama mais desgraça, criatura. Eu por mim vou mudar. Aqui não fico.

(Comentários "ad lib").

A. PRIMEIRA MULHER

E Mira, 'ocê já viu? Tá doida, Mira... Doida varrida, Mira... Diz que fica Íana Tendinhe, Mira e mais aquelas outras rameiras que tem lá por cima fazendo tôda a sorte de estrupício, dizendo nome e enchendo bem a cara, fazendo bruxaria noite e dentro e falando que foi por causa dela que Aristeu, o criador de abelhas esfaqueou Eurídice, e que Orfeu ficou maluco assim por causa dela, não por causa de Eurídice... Ora veja! Ninguém não quer passar mais lá por perto e com tôda razão. Eh, mundo louco!

UM HOIEM

E lembrar desse morro há uma semana... Nem parecia um morro da cidade! Uma calma, um prazer, uma harmonia! Quanto samba de Orfeu de boca em boca! Quanta festa com Orfeu sempre presente! Tanta falta de briga!

(Comentários "ad lib")

UMA OUTRA MULHER

E não faltava nada pra ninguém. Qualquer necessidade, não sei como Orfeu sabia e aparecia logo um dinheirinho...

UM VELHO

Tudo samba dele...

UMA SEGUNDA MULHER

Uma tristeza em casa? Uma quizília? Ele vinha, falava,
se mexia...

TERCEIRA MULHER

... Sapecava um sambinha de improviso...

SEGUNDA MULHER

Brincava...

TERCEIRA MULHER

... Um anjo!

VELHA

Tinha pés de santo.

(Uma mulher põe-se a chorar e sai correndo de cena).

A SEGUNDA MULHER

Tadinha. Era maluca por Orfeu. (Continua na página 46).

A SEGUNDA MULHER

(L) 'Tadinha. Era meluca por Orfeu. (Foi namorada dele antes de Eurídice.) Nunca mais esqueceu...

(Ouve-se distante a sirene de uma ambulância que logo cessa. Em seguida entram os ruídos longínquos de um batuque batido sobre caixas e latas. Esses ruídos devem se aproximar progressivamente durante as cenas que seguem.)

A PRIMEIRA MULHER

É a ambulância

(Corre ao barracão e grita da porta)

Ah, seu Apolo. Eu acho que é ambulância.

APOLO (aparecendo à porta)

Coitada. 'Tá que é um trapo. Mas não dorme. Choro sempre correndo de olho aberto, a mão no coração.

A PRIMEIRA MULHER

Avisa ela, que é pra depois não dar alteração...

APOLO (em tom humilde)

Obrigado.

(Entra. O som do batuque que sobe faz-se cada vez mais próximo. Surge, esfalfado, o homem que desceu para chamar a ambulância, acompanhado de um outro. Trazem com eles uma maca.)

O HOMEM

Trouxe a maca. 'Tá pronto, minha gente? A ambulância está em baixo. Que caras mais folgados... Advinha o que disse o doutor? "Vocês são fortes subam e tragam a mulher que eu espero em baixo. E depressa que eu tenho um caso urgente me esperando..."

UM OUTRO HOMEM

Essa sopa vai acabar.

(Ouve-se dentro do barracão um grito desesperado de Clio.)

CLIO

Não! Eu não quero ir! Me deixem em paz! Eu quero o meu Orfeu!
Cadê meu filho? Onde está ele? Apolo, eu quero ele!

APOLO

Tá bem, minha filha. Fica sossegada. Foi Orfeu quem mandou
buscar você. Tá te esperando. Vem.

CLIO

Mentira tua! Isso é mentira tua! Ah, Deus do céu porque so-
frer assim?

APOLO (surgindo à porta)

Vocês aí... Me ajudem por favor.

(Dois homens adiantam-se e entram no barracão. Ouvem-se de início
murmúrios, depois berros seguidos de ruídos de luta e coisas que-
bradas. Em seguida Clio surge à porta esfrangalhada. Seu aspecto
é terrível.)

CLIO

Por caridade! Não me levem daqui. Ah, não me levem de junto
de meu filho. Eu quero ele doído mesmo, é meu filho, é meu
Orfeu. Por caridade, vão buscar meu filho... Vocês sabem, Or-
feu da Conceição, crioulo grande, violão no peito. Tá sempre
por aí. Vocês conhecem... É o meu Orfeu... Dizem que endoide-
ceu mas é mentira, eu sei. Orfeu é músico, sua música é vida.
Sem Orfeu não há vida. Orfeu é a sentinela do morro, é a paz
do morro, Orfeu. Sem ele não há paz, não há nada, só o que há
é uma mãe desgraçada, uma mãe triste com o coração em sangue.
E tudo isso por causa de uma suja descarada, uma negrinha que
nem graça tinha, uma mulher que não valia nada. Descarada!
Ah, nasce de novo, nasce pra eu te plantar as unhas nessa ca-
ra, pra eu te arrancar os olhos com esses dedos, pra eu te
cobrir o corpo de facada! Não, ela não morreu! Meu Deus, não

deixa! Eu quero ela pra mim, eu quero Eurídice só um instantinho eu quero ela pra mim! Eu juro que depois fico boazinha. Prometo, Deus do céu! Não quero nada só quero que me levem à cova dela, que é pra eu cavar dentro daquela terra, de senterrar o corpo da rameira, ver ela podre, tôda desmanchada, cheia de bichos...

APOLO (corre para ela)

Chega! Clio! chega!

CLIO (sacudindo-o longe)

Ah chega? Ah, chega! Até você, Apolo... Defendendo a rameira...

(Voa contra êle tentando agatanhá-lo. Vários homens correm em socorro de Apolo e dominam Clio. Ela luta furiosamente até que, exausta, se abate).

APOLO

Pronto. Agora ponham ela na maca. E vamo' embora.

(Nesse momento entra em cena o pessoal do batuque, cujo ritmo deve vir se aproximando ao longo das cenas anteriores. É um grupo de meninos engraxates, e batem com as escovas em suas caixas e latas. Não dão muita atenção ao que se passa e vão se acomodar a um canto, sem parar de bater, enquanto os circunstantes amarram Clio à maca).

UM MENINO (cantando)

Paz, muita paz, que falta nesse mundo que clafaz, rapaz...

SEGUNDO MENINO (que parece o chefe do bando)

Não, essa não. Vamos cantar aquela outra de Orfeu, aquela que êle deu pra mim...

TERCEIRO MENINO

Você enche com êsse teu sambinha...

MIRA (trocando as pernas, súbitamente explode)

Para esse samba! Para esse negócio! Para senão eu corto os
cornos d'um!

(O samba, no interior da "Tendinha" continua. Mira põe as mãos
nos ouvidos e de repente investe, porta a dentro, e faz parar o
samba, no meio da agitação geral.

UMA MULHER (bêbada)

Que folga? Que é que tás pensando, hein, Mira? Manera, Mi-
ra!... Vamo' com esse samba!... Pessoal! Tem umas caras que
não quer... Mas tem outros que quer... Então, que é isso?
Quem é que manda aqui: é homem, ou Mira?

MIRA

Vai-te tu sabes muito bem pra onde. Põe banca não, perua,
que eu te arranjo. Tu não dás nem pra saída...

A MULHER

Tirei de letra. Não enche, Mira. Se tu fosses mulher como
eu Orfeu não te largava do jeito que ele te largou, pior
que um pano de orzinha. (Ri alto). Tu, não! Orfeu ficou
comigo bem uma semana, eu, a bacana!

MIRA (as mãos nos quadris)

Tu? Muito bacana... Bacana como casca de banana... ~~Bacana~~
~~como fruta de cobrir...~~ Bacana como fundo de bocairo...
Bacana como a sola do meu pé... Assim é que tu és: muito
bacana!

A MULHER (ameaçadora)

Te 'guenta, Mira...

MIRA (fazendo dois passos para ela)

'guenta você, mulher!

(Agride-a e as duas se atraçam. Logo ocorrem homens e mulheres

da "Tendinha" que separam as duas.)

A MULHER (debatendo-se)

Deixa essa poia vir, deixa ela vir!... Vem, Mira, pode vir...

MIRA (soltando-se dos que a seguram)

Dá até pra rir...

(Os circunstantes carregam a mulher e algumas companheiras de Mira cercam-na. Dentro em pouco o ambiente dentro da "Tendinha" parece se ter restabelecido e logo se ouve um novo samba, seguido de cantos e gargalhadas gerais.)

UMA MULHER

Deixa isso pra lá, Mira...

MIRA

É, não tem nada. Eu quero é encher a cara.

OUTRA MULHER

Tou aí nisso, hein, Mira...

(Surge um homem da "Tendinha".)

O HOMEM

Como é, Mira, tão pedindo sua presença... Venha cá fazer as pazes. Vamos beber e cantar samba, Mira, que a morte é certa...

MIRA (súbitamente grave)

É mesmo. A morte é certa. É a única coisa certa nesse mundo.

(Volta-se e súbitamente corre para a "Tendinha" seguida das outras. Em breve há ruídos, conversas, exclamações que indicam que as duas mulheres fizeram as pazes e o ambiente de farra se retomou. Logo depois alguém começa a tocar um choro macio ao cavaquinho. Ato contínuo, entra em cena Orfeu. Vem cauteloso, por entre árvores esparsas, olhando para cima com um ar perdido. Trás o violão às costas.)

ORFEU (a voz surda, como a pedir silêncio)

„inda é cedo demais, amiga. A lua está dando de mamar prás estrelinhas... Toma o teu tempo. Quando fôr a hora desce do céu, amor, tãda de branco como a lua. O mundo é todo leite, leite da lua, e a lua és tu, Eurídice... Chega de leve pelo espaço; desce por um fio de luz da lua cheia. Vem, ilusão serena, coisa mansa, vem com teus braços abraçar o mundo, o mundo que sou eu, que não sou nada sem Eurídice... Ve. Baixa de manso, surge, desponta, desencanta, explode como uma flor da noite, minha amada. Aqui ninguém nos vê. Esses que gritam não vêem, nem sabem ver. São todos cegos. Cego só não sou eu que te respiro em cada aroma e te sinto em cada areagem... Cego só não sou eu que te descubro em cada coisa e te ouço em cada ruído... Cego só não sou eu que te recebo do mais fundo da noite... Ó minha amiga, minha amiga sem fim! quanto silêncio nos teus passos noturnos desfolhando estrelas! que milagre de poesia em tua ausência só minha! quanta música nesse teu longo despertar na treva! Ah, deixa-me gozar tãda a beleza do momento anterior à tua vinda! Espera ainda, espera, que o segredo, o segredo de tudo está no instante que te precede quando vens. Escuta, amada... Onde é que estás que não te vejo ainda? e sinto já na noite alta o tato de teus seios? Onde pousas anjo fiel, com tuas asas brancas a fremir sobre as copas? Ah, sim, te vejo agora... Estás ali... Porque tão triste, minha Eurídice? Quem magoou a minha Eurídice? Não, não fiques assim... Por que não falas? Meu amor, me responde! Minha Eurídice banhada em sangue?

(Nesse momento chega um homem à porta da "Tendinha" e logo depois aparece Mira. Vem muito bêbada e meio descomposta. Um grupo de mulheres no mesmo estado a acompanha, assim como uns poucos homens; mas estes, à vista de Orfeu, se retraem com respeito.)

MIRA (ato, mostrando Orfeu)

Eh, gente! É este o homem de quem'tavam falando?

UM HOMEM (chegando-se a Mira)

Deixa ôle, Mira...

(Mira desvencilha-se d'êle, com um sacolejão. Em vista disso o homem dá de ombros, faz um sinal aos outros e vão saindo todos devagar.)

UM SEGUNDO HOMEM

Bom, minha gente, vam'a vida. É hora de pegar uma boa bergolina. Vamo'bora, pessoal...

UM TERCEIRO HOMEM

Vam'embora, Mira!... Deixa o homem em paz!

(Saem.)

MIRA.

Deixa o homem em paz... Tá boa... Tá assim por minha causa... louco... louco...

UMA MULHER (em tom zombeteiro)

Ah, é? Passa amanhã ...

UMA SEGUNDO MULHER (em tom mais zombeteiro ainda)

É mesmo, Mira?

(As duas caem na gargalhada, logo acompanhadas pelas outras. A base dessas brincadeiras, as mulheres, bêbadas, dão-se trancos, dançam passos de samba e brincam de capoeira. Mas o ambiente é tenso e ameaçador.)

MIRA. (fúriosa)

Não me acreditam, suas vagabundas? Pois já vão ver...

(Chega-se a Orfeu, sacode-o brutalmente. O músico, que desde o início da cena não pareceu dar pelas mulheres, sai do seu transe e olha Mira. A mulher sacode-o, depois num gesto arrebatado colhe-o pela cabeça e beija-o sobre a boca. Em meio a êsse beijo, Orfeu des

perto, atira-a longe. Mira rola por cima das outras e algumas caem.)

ORFEU (alucinado)

Prá fora, suas cadelas! Prá fora, senão eu... *Tupano*

(Suspende o punho fechado ameaçadoramente, mas em meio ao gesto parece novamente perder-se. Olha para o alto, atônito, e depois chama baixinho:)

ORFEU

Visão... Visão...

(As mulheres, como posses, açoitadas por Mira atiram-se sobre ele, com facas e navalhas na mão. Como um Laço, Orfeu luta para desvencilhar-se da peca humana que o massacra. Depois, conseguindo libertar-se por um momento, foge coberto de sangue, com as mulheres ao seu encalço.)

~~PLANO - CENA:~~

(O local do barracão de Orfeu, Tudo vazio. Luar intenso.)

ORFEU (entra correndo, coberto de sangue)

~~Eurídice! Eurídice! Eurídice!~~

(Cai. A Dama Negra surge da sombra)

A DAMA NEGRA (Com a voz de Eurídice)

~~Aqui estou, meu Orfeu. Fais um segundo e tu serás eternamente meu~~

ORFEU (prostrado)

~~Le leva, meu amor...~~

(As mulheres entram correndo, esfarrapadas e cobertas de sangue, como fúrias. Ao verem Orfeu caído, precipitam-se sobre ele e cortam-no louca, selvagememente. Depois dessa carnificina, Mira levanta-se, entre as outras mulheres. Trás na mão o violão de Orfeu. Num ímpeto arremessa-o longe, por cima da amurada. Ouve-se bater o

*AO SINAL - DISCO
D - 15 FX*

CONTA

3

1A

2ª FX

ATE A MARCA

ATE DG

instrumento, num som monstruoso. Mas logo depois uma música trêmula incute, misteriosa e incerta. Apavoradas, as mulheres fogem. A Dama Negra aproxima-se do corpo e envolve-o em seu longo manto enquanto a música de Orfeu se afirma, límpida e pura. A figura da Dama Negra cobrindo o cadáver de Orfeu com seu manto pouco a pouco esvanece. Entra o CÔro.)

C Ô R O

JUNTARAM-SE A MULHER, A MORTE E A LUA
 PARA MATAR ORFEU, COM TANTA SORTE
 QUE MATARAM ORFEU, A ALMA DA RUA
 ORFEU, O GENEROSO, ORFEU O FORTE
 PORÉM AS TRÊS NÃO SABEM DE UMA COISA:
 PARA MATAR ORFEU, NÃO BASTA A MORTE
 TUDO MORRE QUE NASCE E QUE VIVEU X TERMINA
 SÓ NÃO MORRE NO MUNDO A VOZ DE ORFEU. TUDO

VAI
 BAIXANDO

FIM Disco D-
 3^a Fk.

1500
 1560
 3060
 1000
 2060

1560
 1500